

Tendências mercadológicas no universo de quadrinhos norte-americanos envolvendo representações LGBTI+: análise introdutória de caso da assexualidade na editora Marvel¹

Marketing trends in the comics universe involving LGBTI+ representations: introductory analysis of the case of asexuality at the Marvel publisher

Mário Jorge de Paiva*

Palavras-chave:

*LGBTI+;
Quadrinhos;
Marvel;
Assexualidade.*

Resumo: O presente artigo se propôs a selecionar uma história da coletânea da Marvel voltada para o orgulho LGBTI+ e para a assexualidade, no caso "Marvel's Voices: Pride" (2023), e analisá-la; então, aqui, vamos abordar a assexualidade da personagem Gwenpool. Metodologicamente é um estudo exploratório e inicial, que se aporta em uma História das Ideias, na análise Estética e mesmo em uma hermenêutica do texto em questão. Em termos de conclusões, vemos resultado similar aos anteriores (Paiva, 2023), um resultado dúbio; mesmo sendo fora de questão como houve um aumento de representação aberta e respeitosa sobre a comunidade, os materiais ainda carecem de força acontecimental, sendo eles, em nossa análise, produtos, em vários casos, protocolares e com "densidade" baixa, em termos de texto ou explorações estéticas mais ricas.

Keywords:

*LGBTI+;
Comics;*

Abstract: *This article selects a story from Marvel's material, a special edition focused on LGBTI+ pride, in this case Marvel's Voices: Pride (2023), and analyze it taking into*

¹ Recebido em 17 de novembro de 2024. Aceito em 06 de maio de 2026.

* Doutor e mestre em Ciências Sociais pela PUC-Rio. Atualmente, é professor de Filosofia e Sociologia da SEDUC-SP, Regional de Ensino de Santos. Contato: mariojpaiva91@gmail.com

Marvel;
Queer.

account our previous productions on this type of material, see, for example, Paiva (2023). Methodologically, it is an exploratory and initial study, which relies on a History of Ideas, aesthetic and even hermeneutic analysis of the text in question. In terms of conclusions, we see a result similar to the previous ones, a dubious result, it is out of the question how there was an increase in open and respectful representation of the community, but the materials still lack event force, being, in our analysis, products, in several cases, with low density, in terms of text or richer aesthetic explorations.

Introdução

Como é possível explorar de forma vasta, há representações estéticas de entes LGBTI+ desde tempos muito anteriores aos nossos, é isso que mostra, por exemplo, Sarene Alexandrian (1993) ou Andrews *et al.* (2024). Há personagens não heterossexuais desde o teatro grego até o mundo oriental, passando por questões que hoje parecem contemporâneas, mas, na verdade, não são, como uma discussão trans. Afinal, em Roma já havia uma discussão sobre a possibilidade de se transformar um homem em uma “mulher completa”, e era usado o termo *transfigurare* (cf. Andrews *et al.*, 2024).

Nesses termos, o presente estudo deseja fazer uma análise de um material recém-produzido, porque análises estéticas são interseccionais, no sentido mesmo de serem aberturas para estudos em vários campos, *vide* análise de uma História das Ideias, envolvendo as formas de representação das personagens LGBTI+, ou uma Hermenêutica textual. Uma análise de material *pop*, popular, no caso aqui o mundo dos quadrinhos, tirinhas etc., não é estranho para as Ciências Sociais.

Metologicamente, o presente material se dividiu em certas fases. Primeira, existiu a seleção de uma das histórias da Marvel, para a análise (aqui vamos abordar uma história da personagem Gwenpool, canonicamente considerada assexual na *Marvel*). Depois da leitura do *case*, cruzamos o material com todo nosso aporte sobre o tema, valendo ressaltar como estamos pesquisando tal relação entre quadrinhos e representações LGBTI+ nos últimos anos de modo contínuo (cf. Paiva 2021a, 2021b, 2022a, 2022b, 2022c, 2023), então o presente esforço não é algo pontual, mas o resultado de um esforço cumulativo. Segunda, com o material lido e analisado, vamos cruzá-lo com uma hipótese que colocamos em artigos anteriores, se essa representação da comunidade LGBTI+ é *efetiva*. Por fim, o presente artigo termina sendo nossa

pequena, inicial, contribuição sobre uma questão ainda bem pouco explorada, em termos acadêmicos, aqui nos referimos aos debates sobre representações da assexualidade no mercado de entretenimento. Mesmo em estudos sobre a comunidade LGBTI+, ou em meios de estudos *queer*,² a assexualidade ainda parece inexplorada, em comparação com outros temas, *vide* a comunidade *gay* masculina ou mesmo a questão lésbica ou bissexual, os debates trans igualmente parecem crescer mais do que debates sobre representações da assexualidade.

Nosso presente estudo se divide em 5 partes. Inicia com a presente introdução. Passa para uma seção mais genérica, sobre o estado atual dos estudos que somam os campos das representações LGBTI+ e do universo dos quadrinhos, nesse momento haverá mais uma contextualização do tema. Depois, há uma seção sobre tendências mercadológicas atuais, diante dessa ampliação de representações LGBTI+ no mundo dos quadrinhos; claro, aqui vamos abordar alguns tipos ideais do tema, afinal não é possível abordar todos os casos. Há, em seguida, uma seção mais específica sobre o caso em análise da edição especial em questão da *Marvel*. O artigo fecha com certas considerações finais.

Quadrinhos e o universo de representações LGBTI+

Como é sabido, percorrendo todo um aporte teórico sobre a história da comunidade LGBTI+,³ houve muita história de perseguição contra a comunidade LGBTI+ ao longo do tempo. Logo, é esperado que ferramentas de mídia tenham ajudado no espraçamento de representações negativas de tal comunidade, em um reforço desse universo de saberes, que viam tal grupo minoritário como doente, criminoso, pecador etc. O formato do quadrinho então, mesmo sendo uma forma artística que nem sempre ganhou os louros dos saberes legítimos, ao seu modo, também condenou tal comunidade LGBTI+. Sempre se tendo em vista como não há uma forma monolítica no mundo dos quadrinhos, a representação nos quadrinhos não é algo única, estamos falando aqui de um campo com diferentes artistas, editores, públicos, possíveis interpretações etc.

Mas, enfim, há uma certa leitura de certas personagens clássicas como um ideal masculino, heroico, que se contrapõe ao feminino e figuras masculinas

² Sobre os estudos *queer* vale ver, por exemplo, Fawaz & Scott (2018) e Felizardo (2015).

³ Cf. Adriana Nunan (2003), James Green & Renan Quinalha (2018), João Trevisan (2018), James Green (2019), Bruno Bimbi (2017), Murilo Mota (2019), Luiz Mott, Mario Mieli (2023).

que sejam mais ambíguas, em relação ao seu modo de apresentar o gênero.⁴ Conan é uma ilustração de um guerreiro incrivelmente viril que combate brutalmente seus inimigos, “pega” várias mulheres etc. Sempre se lembrando que estamos falando de personagens que possuem, mais ou menos, 100 anos de existência; ou seja, passaram por releituras, que inclusive aumentaram e melhoraram representações femininas e LGBTI+ em suas histórias.

Não é nosso intuito recontar toda uma história dos quadrinhos, mas, como aponta Cruz (2017), quadrinhos dos anos 30, 40, 50, já dialogavam com gírias e elementos da comunidade LGBTI+, *vide* nos materiais de *Terry and the pirates*, com o afeminado Papa Pyzon, ou nas tiras de *Krazy kat*. Aqui vemos representações dúbias, em que há uma graça ou mesmo um contraponto ao herói da trama. Por uma questão de recorte, não podemos dizer se todo o material de tais épocas possuíam tais problemas de representação, afinal nem tivemos o privilégio de poder pesquisar todo o material de tais épocas, mas podemos imaginar que era da moda, e moda aqui entendemos por valor de maior frequência em um conjunto de dados, uma representação dúbia da questão LGBTI+.

Como aqui estamos tratando de personagens de ficção, em última instância, essa resposta final sobre a sexualidade da personagem A ou B nem existe. Aqui, enfim, estamos tratando de apropriações artísticas e mesmo de leituras sobre tal personagem A ou B. Por isso que hoje, o universo das *fanarts*, outro elemento ainda pouco estudado nos termos acadêmicos, se revela tão interessante. Sempre há espaço para especulações, por exemplo, sobre um romance homoerótico proibido entre Draco e Harry Potter.

Mesmo discreto, dubio, houve nos anos 50 um ponto de corte, com o livro *Sedução dos inocentes* de F. Wertham, de 1954. Nele se levantava, exatamente, a ideia de que essas pessoas de vidas duplas, os heróis, eram representações idílicas da homossexualidade. Assim, houve um esforço dos próprios criadores de quadrinhos para evitar certos pontos, não nos cabe também refazer toda essa história, mesmo que valha consultar Cruz (2017), Dalbeto (2015), Paiva (2022b) etc.

Há autores que falam de uma carga *queer* nos quadrinhos, vale dizer então que certas leituras não estão totalmente erradas, mas claro que pesquisas atuais, pelas quais nos aportamos, não encaram o universo *queer* como algo ruim, como no pânico moral que gerou tais ideias nas famílias conservadoras norte-americanas dos anos 50, nesses termos achamos que vale ler Darieck Scott & Ramzi Fawaz (2018) ou Neil Shyminsky (2011).

⁴ Cf. Cruz (2017).

Mesmo com os receios e limitações das liberdades artísticas da época, Lendrum (2004, p. 70) aponta como certos artistas e produtores de mídias poderiam usar o elemento implícito ao seu favor. O poder, por isso, nunca é completo, sempre há pequenas resistências possíveis. É o caso, comentado por Lendrum, do próprio seriado dos anos 60 do Batman, que explorava da graça e do *camp*, em histórias que agradaram o público *gay* da época.

É possível crer que representações abertas de personagens LGBTI+ surgem em histórias mais adultas, e mesmo de um certo desgaste das regras de censura da década de 50. Logo, se de um lado temos Frank Miller (2011), Neil Gaiman, Alan Moore, Grant Morrison, não nos esqueçamos como John Byrne, nos anos 80, queria trabalhar a homossexualidade da personagem Estrela Polar (cf. Dalbeto, 2015), mas não conseguiu, sendo que ficaram apenas indícios, Estrela Polar só pode “sair do armário” nos anos 90.

Asilo Arkham nos parece um material particularmente interessante.⁵ *Asilo Arkham*, para os padrões de quadrinhos, se mostra uma obra ousada, em que é indeterminado se Batman e o Coringa são LGBTI+. Os adjetivos carinhosos e mesmo no fim um clima de despedida romântico, por parte de Coringa, podem indicar uma forma de provocação contra o herói, mas essa provocação não impede que a personagem seja LGBTI+. Mas sejamos claros, como Moraes (2017) mostra, o paródico faz parte desse cenário de indeterminações, logo o paródico também é, ou pode ser, em nossa leitura *queer*; em concomitância com certas colocações de Felizardo (2015).

Negar o possível, para imaginar o impossível, era o projeto de Bataille, nas palavras de Moraes (2017, p. 225), envolvendo a liberdade de imaginação. O Batman aqui, então, possui algo de batailleano. Imerso nas trevas e em traumas infantis, em *Asilo Arkham*, não poderia a personagem reprimir sua própria sexualidade na história? Vale lembrar como nessa trama há vários personagens *queer*, como o próprio Arkham, que se veste com as roupas de sua mãe, em mais de um momento da trama, e o próprio caso da personagem Zeus, que se define como parte homem, parte mulher. A própria imagem de Norman Bates aparece em certa parte da trama, isso não é aleatório.

O próprio Batman, nessa história, possui um elemento *queer* mais explícito, no sentido que ele parece, realmente, um monstro, e não um homem com uma roupa de morcego. A máscara do Batman, se assim podemos chamar, é seu próprio rosto. Não parece um uniforme, mas sua própria pele, o que já inicia uma sensação de estranhamento. Suas altas orelhas e ombros, grandes e pontudos, indicam algo similar aos *exageros* de alguns elementos do

⁵ Cf. Morrison (2012).

expressionismo alemão. Mais do que uma busca *naturalística* por apresentar uma história realista, aqui já temos o elemento romântico típico do subjetivo, do mistério, do sonho. Uma citação de Lewis Carroll sobre a loucura também dá o tom de estranheza, complexidades, mistério da trama, até por toda uma questão dos símbolos e da própria psicanálise, que existe como elementos da edição.

Mas, avancemos. Os anos 90 marcam o esgotamento da censura e uma nova geração entrando no mundo dos quadrinhos. Contudo, como mostra Cruz (2017), era uma geração ainda marcada por exageros e uma representação sexualizada, por exemplo, da mulher bi. Foi, então, mais na década seguinte que começou uma progressiva ampliação e “positivação” das personagens LGBTI+. Por mais que alguns temas ainda fossem mais fáceis de tratar do que outros, várias personagens lésbicas ou bissexuais, enquanto há uma mais lenta caminhada das personagens trans etc.

Essa é a conclusão do presente seguimento, mesmo que de modo lento, que demorou décadas, vemos hoje irrefutáveis avanços em termos de uma representação aberta e menos caricata, ou cômica, de personagens LGBTI+. Essa representatividade, por uma série de fatores, envolve um impacto que lemos como positivo para os mais jovens. Assim sendo, com o cenário assentado, passemos ao próximo seguimento, mais direcionado e específico.

Tendências mercadológicas no mundo de quadrinhos

Como falamos, esse é o segmento mais específico e direcionado, se optamos por uma abordagem, nos nossos próprios termos, mercadológica, isso se dá pois esses quadrinhos em última instância são produtos. Logo, dialogam com funções estéticas e de entretenimento, mas, por seu próprio campo, seu objetivo é dar lucro. Não possuem a mesma liberdade artística, por exemplo, de alguém que escreve uma *fanfic* ou desenha um *doujin*. Façamos agora de certas tendências de mercado que parecem estar se consolidando agora.

Uma *primeira tendência* então, que já abordamos, é o *kitschbaiting* (Paiva, 2023), uma soma entre *queerbaiting* e *kitsch*, em que a *isca* para a cultura *queer* termina sendo um exagero representacional; dentro das possibilidades aqui exploradas, essa é a que mais dialoga com a noção de *pink money*. Um produto ruim ou medíocre, autoconsciente em algum nível, que pouco entende ou explora o *queer*, mas funciona, através de seus exageros, como um chamariz para a comunidade. Nisso vemos até uma abordagem conservadora, em certos momentos, porque a única coisa que se fez, em certas representações, foi trocar o *signal*, se antes a comunidade era vista como algo

negativa, agora ela é *positiva*, sendo enfiados, dentro do possível, todos os clichês de casais, e coisas do gênero.

Nesses termos, podemos pensar em algumas coisas que foram feitas com Jon Kent, o filho do Superman. Vejamos a Figura 1. Em sua representação na *DC Pride 2024* (2024), vemos um (quase) completo abandono de qualquer necessidade de se emular o que classicamente conhecemos como Superman, e há apenas essa história de um casal com poderes especiais. Nesse sentido parece haver um direcionamento exagerado para uma estética *teen*, em que os próprios traços parecem saídos, ou inspirados, em algum *mangá* ruim. É, em alguma medida, uma confiança de que o produto *vende*, independente do que façamos com ele. Há nesse tipo de trama uma falta de qualquer conflito narrativo contundente, então o material parece sem nenhuma profundidade, e a palavra de ordem é *orgulho*, que se soma fácil, com *felicidade*. Mais uma vez, qualquer conflito relevante é visto como um risco narrativo desnecessário. Há ainda uma dificuldade, para certos produtos, abordarem, até por visarem um público mais jovem, temas como homofobia, HIV, desejos sexuais, ideações suicidas etc.

Figura 1 – Jon e Jay enquanto um casal



Fonte: *DC Pride 2024* (2024)

Uma *segunda tendência*, que não é em nada novidade, e que discute com o conceito de *queerbaiting* etc., são representações dúbias que ainda existem nos quadrinhos. Isso, em si, pode ter um propósito narrativo interessante, uma história recente que faz isso bem é *O verão em que Hikaru morreu*. Uma trama que envolva adolescência, e jovens se descobrindo, pode dialogar bem com uma estranheza em relação ao próprio corpo e sentimentos ainda pouco claros. Fica difícil acreditar que esse tipo de trama não está dialogando, em algum nível, com a sexualidade de um adolescente homossexual ou com uma discussão

sobre depressão na adolescência. Vejamos a Figura 2, que é ilustrativa do ponto simbólico da trama em questão.

Figura 2 – O amor de Hikaru por Yoshiki



Fonte: acervo do autor.

Uma *terceira tendência* é a representação trágica do universo LGBTI+, o universo LGBTI+ pode surgir como um trauma, algo sombrio, depravado, nada de novo aqui também. Um caso novo e ilustrativo no mercado é o próprio filme *Coringa: Delírio a dois*,⁶ nele há uma discussão sobre abuso sexual. Em certa parte da trama, parece que a personagem principal é estuprada na prisão pelos guardas da instituição, em uma cena que é a mais pesada do filme. Notemos tal paleta de cores, como a cena é *dark*, e mesmo como há, depois disso, uma “virada” na personagem. O(A) leitor(a) poder ver que a noção do sexo *gay* como algo corrupto, pecador, trágico etc. ainda não foi perdida.

Um *mangá* que faz isso bem, em nossa leitura, é *Black Butler*. Está bastante claro que as personagens Ciel e Alois Trancy foram abusadas sexualmente, logo a porta de entrada para os elementos demoníacos em suas vidas foi literalmente o contato sexual, e, em específico, com homens.

Há um simbolismo com borboletas ou mariposas, ver Figura 3, e tais lepidópteros podem, assim, representar comumente um elemento de transformação, transição. Desse modo, há aqui uma transição final da personagem infantil, pura, para o mundo adulto, logo a personagem Sebastian,

⁶ Filme lançado em 2024, dirigido por Todd Phillips, e com roteiro do mesmo, em união com Scott Silver.

uma figura sombria, amorfa, faminta, que representa o mal, pode ser lida como uma eterna lembrança do trauma sexual. Há um elemento de sacrilégio na Figura 3, porque a imagem do sagrado é ressignificada, em que a personagem acredita que o sagrado está debochando de sua desgraça. Um último elemento curioso, para refletirmos, parece pouco provável um jovem aristocrata vitoriano usar brinco, logo certos elementos da estética de tal *mangá* são deliberadamente anacrônicos.

Figura 3 – Abuso sexual de Ciel no mangá *Black Butler*



Fonte: acervo do autor.

Algumas pessoas criticariam esse tipo de representação LGBTI+, contudo nós não faremos isso aqui. Enquanto uma fonte de conflito narrativo, ela é bem mais rica que a primeira tendência apresentada, por exemplo. Nosso problema não é a representação LGBTI+ discutir com o sombrio, imoral, vexaminoso, autodestrutivo, irremediavelmente feio, há algo bem *queer* nisso, com Jack Halberstam (2020) já estava falando, nosso problema seria se tais representações negativas, ainda, fossem a maioria, se toda representação fosse uma fonte de uma homofobia não explorada. Entre representações *kitschbaiting* idiotas e felizes ou a aberta negatividade dentro das representações, *queer*, preferimos tal segunda opção, pelo simples fato de serem histórias mais ricas,

mais adultas, com conflitos mais contundentes. Sempre lembrando que estamos tratando de ficções, ou seja, isso não é um abuso real etc.

A *quarta tendência* são novas apropriações das personagens classicamente associados ao universo LGBTI+, nisso é uma representação que não pode levar os fãs mais conservadores aos mesmos *tropos*, de que estão “desrespeitando” tal personagem A ou B, por fazer nelas mudanças que eles não gostam, como uma mudança de etnia ou mesmo apresentar como *gay* um personagem que nunca foi lido de tal modo. Nisso podemos pensar em Wicanno, recentemente apresentado no MCU, o universo cinematográfico da Marvel, e em todas possibilidades que tal personagem abre, por ser uma personagem bastante respeitada e com todo um bom histórico nos quadrinhos de representação LGBTI+ etc. A escolha do ator Joe Locke também se mostra acertada, por ele já estar associado aos produtos LGBTI+ nas mídias direcionados para jovens, e por aí vai.

Como já dito, essas tendências representam tipos ideais, não almejamos, em nenhum momento, um esgotamento de todas as possibilidades narrativas existentes hoje. O que fizemos foi apontar elementos que nos parecem contundentes no cenário atual de mercado de super-heróis.

Gwenpool e a assexualidade no especial da *Marvel*

Por fim, pretendemos responder em qual tendência de mercado a personagem Gwenpool entra, e se sua representação é efetiva. Para começar, não achamos que ela seja a personagem mais interessante para uma edição *pride*, afinal ela é pouco conhecida. Talvez uma história centrada no próprio Deadpool fosse mais interessante, lembrando como outros heróis centrais da *Marvel* já apareceram em outros anos e em outras histórias desses compilados, assim já vimos Thor, Loki, Homem-Aranha etc. em tramas desse nicho de inclusão. Esse é um primeiro fator então, houve uma escolha por usar uma personagem menos conhecida; isso pode ser visto como uma “estratégia segura”.

Já a história *Everything's coming up aces* de Gwenpool, segue essa linha de histórias mais voltadas para um público *teen*, rápidas e sem grandes desenvolvimentos de personagens ou conflitos. A própria questão da assexualidade não é definida ou desenvolvida em nenhum momento bem, sabemos que a personagem se considerada *ace*, mas pouco há além disso. Enfim, as limitações são claras, no aspecto representacional. Não é discutido como há diferentes tipos de assexualidade, em várias identidades possíveis de assexualidade etc.

A história começa com a personagem falando, aparentemente, direto com o(a) leitor(a) que teve uma recente epifania e se descobriu assexual; essa estratégia da “quebra da quarta parede” ficou mais famosa na Marvel com o Deadpool, talvez. Assim, ela decide se tornar o ícone *ace* da Marvel. Então, a personagem decide fazer uma grande festa do orgulho. Essa coisa de em edições especiais sobre o orgulho as personagens estarem fazendo festas, ou indo para festas, está se tornando rapidamente um elemento batido, clichê; menos de 5 anos de edições especiais sobre isso, da *Marvel* e *DC*, e já está virando um lugar extremamente comum. Como já falamos, há todo um reforço do elemento festivo e feliz, que pode tornar essas representações bastante exageradas e *kitsch*.

O arco da trama é que a personagem não sabe organizar uma festa dessas, encontra dificuldades e insegurança nisso, mas com a ajuda da personagem Dazzler, Cristal, ela consegue organizar tal festa. E expulsa dois jovens LGBTI+fóbicos da comemoração, em certo momento ela enfia em suas bocas seus próprios balões de falas, deixando mais explícito uma falta da seriedade da história, uma quebra proposital da *ilusão* representacional dos quadrinhos, e por aí vai.

Em um quadro perto do final, a personagem falando diretamente com o(a) leitor(a) diz que ela(e), criança *ace*, deve se orgulhar de si mesmo, ver Figura 4. A história termina com um grande quadro colorido, em que a personagem grita: “*Happy Pride!*”, enquanto no fundo Dazzler toca na festa.

Figura 4 – Gwenpool e o orgulho *ace*



Fonte: *Marvel's Voices: Pride* (2023)

Das tendências mercadológicas antes listadas, essa história, claro, lida com o *kitschbaiting*, mas a partir do momento que é um universo de histórias que, modalmente, possui esse elemento de comicidade e quebra, isso funciona melhor do que em Superman. Até a qualidade de traços aqui funciona melhor do que na Figura 1, como podemos ver. A ideia da personagem Gwenpool, até por ser bem jovem, se apresentar como assexual nos soa uma abordagem de autodescoberta que pode ser melhor explorada em outras edições.

O que torna tal parte do universo de histórias da *Marvel* interessante, e com muitas possibilidades criativas, *vide* em *Deadpool*, é exatamente ele não ser tão sério, assim de um desgaste das formas dos novos filmes de heróis, *fórmula Marvel* alguns chamariam, algo que saiba rir e debochar desse próprio universo possui mais possibilidades, até do que outras representações existentes.

A história em questão é rasa, clichê, não desenvolve bem o tema do que é ser *ace*, mesmo assim funciona melhor do que certas histórias outras de representação LGBTI+. De certo esgotamento de algumas fórmulas, talvez o universo *Deadpool* ou *Gwenpool* possua possibilidade acontecimental (cf. Žižek, 2017), *milagrosa*, maior do que em outros produtos.

Ser *queer* é se abrir para a diferença, ao negativo, nesse aspecto o *queer* mercadológico deveria ser mais anti-clichê. O *lepidóptero acontecimental queer* rasgaria seu embrulho de clichês e produtos mercadológicos calculados e mostraria algo realmente inovador. *Coringa 2* talvez pudesse ter sido isso, mas esbarra no fato que é um filme irritante, ruim, esquecível; sua ideia se revelou mais interessante do que o filme propriamente dito. Logo, suas inovações e pontos positivos se mostram ilhas no meio de cantorias que, realmente, irritam.

Considerações finais

O presente artigo foi uma revisão do estado da arte desse debate interseccional entre quadrinhos e comunidade LGBTI+, para isso utilizamos como aporte alguns trabalhos de relevância no campo, *vide* Cruz (2017), Dalbeto (2015), assim como relembramos alguns de nossos próprios artigos sobre a temática.

Como nos parece claro, houve uma melhora e aumento representacional de personagens LGBTI+ ao longo das décadas, assim estamos lidando hoje com problemas representacionais diferentes dos existentes nas décadas de 50 ou 80, por exemplo. Nesses termos, vimos algumas das tendências mercadológicas que pudemos observar no presente ano, 2024, ou em anos recentes.

Há boas representações LGBTI+ em andamento, mas o *outro lado da moeda* são produtos ruins, ou medíocres, que tentam capturar tal atenção do público LGBTI+ das formas mais fracas e exageradas em termos estéticos, afinal, enquanto produtos, o principal pode não ser a qualidade, mas a capacidade de vendas, e uma entrega do que já é esperado. O comprador assim quer, em certos mercados, uma previsibilidade, a previsibilidade como algo mais importante que o apuro estético ou o elemento inovador. Um paralelo, quando se vai no *McDonald's*, não se espera o melhor hambúrguer do mundo, mas é uma experiência simplesmente previsível, tal produto é de massas, não lança tendências de mercado, e elementos similares podem existir em outros mercados, em outros campos, como falamos no caso dos quadrinhos.

Assim, continuamos no aguardo do *lepidóptero acontecimental queer*, enquanto nos satisfazemos com produtos cínicos, como os existentes no próprio universo do *Deadpool*, que ainda é melhor do que muitas das coisas que a *Marvel*, *DC*, *Star Wars* andam lançando nos últimos anos. Assim, a história de *Gwenpool*, *Everything's coming up aces*, não é a pior coisa lançada nos últimos anos quando se trata de representatividade LGBTI+, ou na tentativa de se vender produtos para pessoas LGBTI+, mas simplesmente é mais um produto, que pouco se destaca, em um mercado que pouco pode prezar pela diferença acontecimental.

Referências bibliográficas

ALEXANDRIAN, S. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ANDREWS, J. *Et al. O livro da história LGBTQIAPN+*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.

BIMBI, B. *O fim do armário: lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

CRUZ, D. P. *A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LBTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas*. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

DALBETO, L. C. *SUPERGAY: diferenças, singularidades e devir nas superaventuras da Marvel*. 2015. Dissertação (Dissertação em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

DEMETROVICS, Z.; ZSILA, Á. The boys' love phenomenon: A literature review. *Journal of Popular Romance Studies*, Frederick, v. 6, p. 1-16, 2017.

FAWAZ, R.; SCOTT, D. Introduction: queer about comics. *American Literature*, Chichester, v. 90, p. 197-219, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/36801487/Introduction_Queer_about_Comics. Acesso em: 2 nov. 2022.

FELIZARDO, J. G. *Estética Queer*: experiência, subversão, multiplicidade e devir na contemporaneidade. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GREEN, J. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

GREEN, J.; QUINALHA, R. (org.). *Ditadura e homossexualidades*: repressão, resistência e a busca pela verdade. São Carlos: EDUFSCar, 2018.

HALBERSTAM, J. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe, 2020.

LENDRUM, R. Queering super-manhood: the gay superhero in contemporary mainstream comic books. *Journal for Arts, Sciences and Thechnology*, Kingston, v. 2, n. 2, p. 69-73, 2004.

MIELI, M. *Por um comunismo transexual*. São Paulo: Boitempo, 2023.

MILLER, F. *Batman*: cavaleiro das trevas. São Paulo: Panini books, 2011.

MORAES, E. R. *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2017.

MORRISON, G. *Asilo Arkham*: uma séria casa em um sério mundo. São Paulo: Panini books, 2012.

MOTA, M. P. *Saindo do armário*: da experiência homossexual à construção da identidade gay. São Paulo: Fontenele, 2019.

NUNAN, A. *Homossexualidade*: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

PAIVA, M. J. Análise de caso sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis: sobre a representação de Superman na edição especial *DC Pride 2022*. *Caderno eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 10, n. 2, p. 36-52, 2022a.

PAIVA, M. J. Análise do sadomasoquismo erótico existente no *mangá My beloved Sadist*. *Revista Gênero*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 1-18. 2021a.

PAIVA, M. J. Análise sobre representação LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis: sobre a personagem Robin em *Batman*: Urban Legends número 6. *Revista Sem Aspas*, v. 11, p. 1-20, 2022c.

PAIVA, M. J. Análise sobre representação LGBTI+ em um quadrinho de super-heróis: Superman: Son of Kal-El. *9ª Arte*, São Paulo, v. 10, p. 1-20, 2022b.

PAIVA, M. J. John Constantine e a questão homoafetiva: uma análise sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis e animações infanto-juvenis. *Revista Sem Aspas*, Araraquara, v. 10, p. 1-18, 2021b.

PAIVA, M. J. Sobre Superman em *Super Pride*: conservadorismo e estética *kitsch* como elementos da representação LGBTI+ em quadrinhos americanos contemporâneos. *Aurora*, v. 16, n. 47, p. 152-170, 2023.

SHYMINSKY, N. "Gay" Sidekicks: queer anxiety and the narrative straightening of the Superhero. *Men and Masculinities*, London, v. 14, n. 3, p. 288-308, 2011.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso*: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ŽIŽEK, S. *Acontecimento*: uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.